

A influência de Antero de Quental no Realismo português: contradições de um poeta e doutrinário

Charles Borges Casemiro

Doutor em Letras – Literatura portuguesa, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), São Paulo, SP, Brasil

João Victor Petroni Rodrigues

Graduando em Letras, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Este artigo pretende analisar a atuação de Antero de Quental como fomentador e doutrinário do Realismo português, considerando que o autor desempenhou esse papel principalmente por meio de suas obras “Bom senso e bom gosto” e “Causas da decadência dos povos ibéricos nos últimos três séculos”. Para tanto, ele discorre sobre as contradições estéticas e ideológicas do pensamento quentaliano, utópico e idealista, quando confrontado com o ideário realista-naturalista europeu; em seguida, explicita como essas contradições se tornam ainda mais patentes após uma análise de exemplares relevantes de sua poesia, das “Odes Modernas” até os últimos poemas dos “Sonetos Completos”, ao pôr em ênfase a transformação da cosmovisão e os conflitos internos que o poeta expressou em seus versos. Por fim, o trabalho propõe que obra, vida e morte de Antero de Quental podem ser entendidas como símbolos extremos da própria trajetória contraditória da geração realista portuguesa, reunida sob um desejo de renovação, modernização e europeização de Portugal.

Palavras-chave: Realismo português. Poesia portuguesa. Antero de Quental.

Abstract: This article intends to analyze the action of Antero de Quental as a fomenter and a doctrinaire of the Portuguese Realism, assuming that the author played that role mainly through his works “Bom senso e bom gosto” and “Causas da decadência dos povos ibéricos nos últimos três séculos”. To this end, it expounds on the aesthetics

and ideological contradictions of Antero de Quental's thought, utopian and idealistic, when confronted with the European realistic-naturalistic ideas; after that, it makes explicit how those contradictions become even more patent after an analysis of relevant pieces of his poetry, from "Odes Modernas" to the last poems of "Sonetos Completos", as it emphasizes the changes of worldview and the internal conflicts that the poet expressed in his verses. Finally, this paper proposes that the work, life, and death of Antero de Quental can be understood as extreme symbols of the contradictory path of the realistic Portuguese generation itself, assembled for the purpose of renovating, modernizing and Europeanizing Portugal.

Keywords: Portuguese Realism. Portuguese poetry. Antero de Quental.

Questão Coimbrã & Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense

No plano social, a segunda metade do século XIX, em Portugal, é marcada por crises e descontentamentos gerais, compondo um cenário em que despontam insurreições que, como observam Abdala Jr. e Paschoalin (1985), "são similares ideologicamente à revolução de 1848 na França: têm caráter pequeno-burguês e servem de válvula de escape para os grupos sociais frustrados com os rumos tomados pela revolução burguesa" (p.98). Politicamente, o país é estabilizado apenas com o golpe de Estado do marechal Saldanha (1851), que instaura uma monarquia parlamentar e propicia o liberalismo e a rotatividade partidária no poder, dando início ao período da Regeneração, que vai até 1910.

Na economia, ocorre uma guinada na produção agrícola, em virtude da política desenvolvimentista do regime liberal, que beneficia os proprietários de terra. Avoluma-se com isso uma classe média urbana de raízes agrárias, que se soma à classe comercial, já bastante enriquecida pelo desenvolvimento dos novos meios de comunicação e pelo progresso rural, uma vez que "o desenvolvimento capitalista, centrado em estruturas agrárias e comerciais, (...) capacitou o consumidor a importar

novos produtos, bem ao gosto do ‘status’ pretendido pelas novas classes médias” (ABDALA JR; PASCHOALIN, 1985, p.99).

O novo desenvolvimento português influi em sua vida cultural urbana: cresce o público-leitor; surgem jornais e revistas; acentua-se a produção literária, ligando-se à circulação jornalística etc. Mas não se transforma apenas a sua configuração material: o novo público enfim verá os seus problemas reais representados nas letras, abordados em seus aspectos sociais, políticos, econômicos e psicológicos, à luz de novas tendências estéticas europeias. Ademais, boa parte dos escritores de destaque, gozando da relativa liberdade de imprensa, colaborará em diversos jornais, engajando-se nos problemas da vida nacional (ABDALA JR; PASCHOALIN, 1985, p.99-100).

É nesse contexto que, ao longo da década de 1860, ocorrerá uma reviravolta no espírito português: o movimento romântico, entendido como estilo de vida e como estética, sofrerá golpes decisivos por parte de uma nova geração de escritores. Num primeiro momento, esta será composta por jovens estudantes da universidade de Coimbra, insuflados pelo ânimo revolucionário e modernizante de escritores e pensadores europeus como Pierre-Joseph Proudhon, Charles Darwin, Augusto Comte, Hippolyte Taine, Ernst Renan, e certos românticos tardios de verve crítica e social, como Victor Hugo, Heinrich Heine e Jules Michelet. Tais nomes ilustram bem as ideias norteadoras da Geração de 70: positivismo, evolucionismo, determinismo, anticlericalismo, socialismo utópico e reformista etc (MOISÉS, 1990, p.157; ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1985, p.100). Imbuídos desse espírito, os pioneiros Teófilo Braga e Antero de Quental publicam os primeiros volumes de poemas vinculados à nova tendência: “*Visão dos Tempos*” e “*Tempestades Sonoras*”, de 1864, escritos pelo primeiro; “*Odes Modernas*”, de 1865, escrito pelo segundo.

Não é à toa que o mestre pós-romântico Antonio Feliciano Castilho, em seu posfácio ao “*Poema da Mocidade*” (1865), de Pinheiro Chagas, arremete contra os dois jovens poetas. Mas no mesmo ano vem a resposta de Antero de Quental, a carta “*Bom senso e bom gosto*”, que endereça a Castilho. Mais do que uma réplica pessoal, o poeta produz nela “a súpula do pensamento que orienta a sua geração” (MOISÉS,

1990, p.159). Arma-se, com isso, a “Questão Coimbrã”, durante a qual boa parte do espectro geracional e estético-ideológico das letras portuguesas se dividirá em “dois partidos, um, pró-Castilho e outro, pró-Antero, que vão engrossando durante os anos de 1865 e 1866 (...)”, de modo que “o número de opúsculos ascende a algumas dezenas entre as duas facções” (MOISÉS, 1990, p.159).

Eis a crise cultural que culminará no fim da voga romântica e introduzirá o Realismo no país, assinalando a vitória de uma ética e uma estética literárias que tinham “como objetivo central a intervenção do escritor no sentido de diagnosticar os problemas sociais do país”, que “pretendiam uma revolução no pensamento e na sociedade, como ocorria na Europa” (ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1985, p.101). Subjazem à configuração estético-ideológica do grupo, porém, traços neorromânticos, e não é de se estranhar, por isso, que diversas contradições em relação aos ideais professados marquem as grandes obras realistas de Portugal. Carpeaux (2012) reconhece um traço vital dessa contradição:

A evolução ‘renascimento-renovação nacional-nacionalismo’ parece um fenômeno particularmente alemão. Mas foi um movimento europeu. Apenas nem sempre é fácil diagnosticá-lo, porque aparece **combinado com outros movimentos e estilos**, até com o Naturalismo e o correspondente radicalismo político. É possível estudar e analisar esses mesmos **elementos contraditórios** em um movimento de aparências muito diferentes e no outro polo da Europa: **no movimento português da Escola de Coimbra**.

O papel petrificador do Parnasianismo foi desempenhado em Portugal pelo pós-romantismo de Castilho; contra ele, reagiram os estudantes da geração de 1870 da Universidade de Coimbra, **exigindo a modernização e europeização da vida portuguesa**. (CARPEAUX, 2012, p.204; grifos nossos)

Mais adiante, ele observa que, apesar de seu radicalismo político, é difícil definir o programa prático dessa geração. Porém, o crítico consegue apontar-lhe um eixo subliminar, que esclarece parte dos seus resultados contraditórios: “todos aqueles

coimbrenses eram aristocratas intelectuais e nacionalistas. (...) A tentativa de renovar uma civilização, renovando-se a cultura de uma elite, levou ao nacionalismo” (p.208).

Em 1868, os anticastilhistas voltam a se reunir em Lisboa, formando, agora com novos membros, o “Cenáculo”, grupo que se encontrava periodicamente na casa do escritor Jaime Batalha Reis. Três anos depois, seus integrantes organizam um ciclo de conferências públicas no Cassino Lisbonense, principal café-concerto da boemia da época, o qual recebeu o nome de “Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense”. Seu propósito era “pôr em discussão franca os problemas e as questões de ordem ideológicas que então interessavam à gente culta da Europa e da América do Norte” (MOISÉS, 1990, p.160).

E é justamente Antero de Quental quem profere a conferência de abertura, “*Do Espírito das Conferências*”, sendo também de sua autoria a segunda conferência: “*Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*”. Seguem-na conferências de outros autores, pondo em pauta outras tantas questões, até a suspensão legal do evento, sob justificativa “de exporem e sustentarem ‘doutrinas e proposições que atacam a religião e as instituições políticas do Estado’”, implicando em “abuso do direito de reunião” e em ofensa às “leis do reino e o código fundamental da monarquia” (MOISÉS, 1990, p.161-162). Era o que determinava a portaria do Marquês d’Ávila e de Bolama, afixada nas portas do local. Os organizadores, surpresos, protestam por meio de jornais, folhetos avulsos e requerimentos legais, “solicitando fosse julgado em tribunal o seu direito de reunião” (MOISÉS, 1990, p.161-162). Seus esforços, todavia, foram em vão. Apesar disso – ou mesmo por causa disso –, o espírito revolucionário dos setentistas fortaleceu-se e atraiu uma grande quantidade de adeptos, terminando por consolidar, nos anos seguintes, a sua estética e doutrina (MOISÉS, 1990, p.161-162).

“Bom senso e bom gosto” & “Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos”: os dois pilares da renovação de Antero de Quental

Como Moisés (1990) afirma, a carta “*Bom senso e bom gosto*” de Antero de Quental representa uma síntese do pensamento da geração de 1870 (p.159).

Entende-se, portanto, que o escrito também tenha espelhado as contradições intrínsecas ao Realismo português, no tange a sua cosmovisão, suas referências ideológicas e intelectuais, sua orientação política, e sua visão acerca da função histórica e social da literatura e do escritor. Com efeito, muito do conteúdo filosófico e estético de trechos do opúsculo encerra contradições incontornáveis (ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1985, p.101).

Nessa perspectiva, é exemplar este trecho da carta:

(...) Pois bem: a Allemanha, a Inglaterra, a França, comprazem-se no nevoeiro, são incompreensíveis e ridículas, são methaphysicas tambem. As tres grandes nações pensantes são risiveis deante da critica fradesca do sr. Castilho. Os grandes genios modernos são grotescos e despreziveis aos olhos baços do banal metrificador portuguez.

O grande espirito philosophico do nosso tempo, a grande criação original, immensa da nossa idade, não passa de confusão e embroglio desprezivel para o professor de ninharias, que cuida que se fustiga Hegel, Stuart Mill, Augusto Comte, Herder, Wolff, Vico, Michelet, Proudhon, Littré, Feuerbach, Creuzer, Strauss, Taine, Renan, Buchner, Quinet, a philosophia allemã, a critica franceza, o positivismo, o naturalismo, a historia, a methaphysica, as immensas criações da alma moderna, o espirito mesmo da nossa civilização...(QUENTAL, 2009, p.8)

Nele, o poeta português reúne, sob a categoria otimista de “grande espirito philosophico do nosso tempo”, “grande criação original, immensa da nossa idade” e “espirito mesmo da nossa civilização”, nomes e correntes de pensamento que, quando não são independentes entre si, são francamente conflituosos e discordantes. Ao lado do positivismo e do naturalismo, por exemplo, está orientação contrária: a metafísica. Sob o mesmo signo encontram-se idealistas e historicistas românticos ou pré-românticos – Herder, Vico, Michelet, Hegel – e pensadores de espectros opostos, como os positivistas, utilitaristas, deterministas e anticlericalistas, a ver, Stuart Mill, Comte, Taine, Renan. Há ainda no catálogo de Antero de Quental materialistas, revolucionários e socialistas pré-científicos, como Feuerbach, Proudhon e Buchner.

Parte considerável dos autores supracitados de fato formam a base do Realismo-Naturalismo, como Comte, Taine, Renan e Proudhon. Outros, todavia, são expressamente rejeitados pelos realistas europeus. Veja-se, por exemplo, o status do idealismo romântico e do hegelianismo durante esse período:

(...) as ‘ciências do espírito’ do Romantismo – as ciências históricas – perderam a primazia em favor das ciências naturais. A história dos homens foi substituída, nas preferências da época, pela história das espécies zoológicas; e desse fato decorreram graves consequências morais. **A filosofia do historicismo, a de Hegel, desapareceu do teatro europeu.** Entre 1850 e 1860 começou, enfim, o reconhecimento público de Schopenhauer, pensador anti-histórico, que podia impunemente insultar a memória de Hegel sem encontrar oposição séria; **por volta de 1860, os grandes cientistas, os físicos, químicos, biólogos, já fizeram questão de ignorar as ‘arbitrariedades’ do filósofo ‘idealista’.** Em 1870, já não havia nenhum hegeliano entre os catedráticos de filosofia nas universidades alemãs; e os poucos hegelianos no estrangeiro (...) eram considerados esquisitões. (CARPEAUX, 2012, p.20; grifos nossos)

Moisés (1990), em compensação, destaca o protagonismo de Renan, com seu anticlericalismo, sua “pulsão humanitária” e sua “fidelidade científico-histórica”; de Comte, com a sua abolição da “Teologia e da Metafísica em favor duma atitude de espírito voltado para o conhecimento ‘positivo’ da realidade”; de Proudhon, socialista que reflete a filosofia positiva; e de Taine, “verdadeiro teórico do Realismo e do Naturalismo”, com sua “teoria determinista da obra de arte, cuja existência obedeceria a leis inflexíveis: a da herança, do meio e do momento, e ao fator dominante” (p.164-165). Ele dá relevo, ainda, ao biólogo Charles Darwin e ao fisiologista Claude Bernard, que influíram sobre o Naturalismo de Émile Zola, e ao filósofo Arthur Schopenhauer, que, “sem negar a Ciência, (...) considera que o homem, submetido a determinismos morais, é por natureza fadado à dor e ao sofrimento, o mundo um imenso palco de falaciosas ilusões, e a pouca alegria conseguida resulta dum esforço doloroso que logo a destrói” (MOISÉS, 1990, p.165).

É tanto mais elucidativa, para enfatizar esse contraste, a frase do pintor francês Gustave Coubert, um dos pioneiros do Realismo: “**o núcleo do Realismo é a negação do ideal**”; afinal de contas, ao contrário dos românticos, Coubert procurava, em seus quadros, “traduzir os costumes, as ideias, o aspecto de época (...), fazer arte atual” (apud MOISÉS, 1990, p.163-164; grifo nosso). Também é sua a seguinte aclamação: “Eu não sou apenas socialista, sou também democrata e republicano, numa palavra, partidário da revolução e, mais do que tudo, realista, isto é, amigo autêntico da verdade real” (apud ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1985, p.103).

Tais profissões de fé abrem prerrogativas para os ideais dos realistas: antirromânticos, “pregavam e procuravam realizar a filosofia da objetividade: o que interessa é o objeto, o *não-eu*”; anti-subjetivistas e anti-sentimentais, consideravam “a Razão, ou a inteligência” como “única via de acesso à realidade objetiva”, ao “real sensível” (MOISÉS, 1990, p.166). Em termos de cosmovisão, entendiam que todos os seres vivos estão sujeitos às “mesmas leis universais que regem os seres inanimados, de modo que o homem também se submeteria às condições gerais de vida existentes no planeta”, em nada diferindo da “natureza bruta” (MOISÉS, 1990, p.166). Numa lógica mecanicista, o homem “deixava de ser considerado o centro do Universo e medida de todas as coisas (...), para se transformar numa engrenagem do mecanismo cósmico, com as mesmas funções e regalias que as demais peças (...) dos reinos vegetal, animal ou mineral” (MOISÉS, 1990, p.166-167).

Não seria de espantar, portanto, que se atribuíssem novas funções e qualidades à arte e ao artista, à literatura e ao escritor. Aquela passa a ser vista como “utensílio, arma de combate, de reforma e ação social”; nessa lógica, a Poesia deveria servir as “causas redentoras do homem”, afastando-se da “confissão estéril de vagos estados de alma” e convertendo-se em “poesia científica” e “revolucionária”, “poesia panfletária e polêmica” (MOISÉS, 1990, p.167). O Romance, por sua vez, deveria ser realizado tanto como obra de tese, de experimentação científica, de análise social e psicofisiológica, quanto como panfleto de crítica social (MOISÉS, 1990, p.167).

Em Portugal, essas novas tendências se particularizarão em problemáticas próprias do homem português, como a “crítica ao tradicionalismo vazio da sociedade

portuguesa”, de procedência romântica, convencional e afastada da realidade; a “crítica ao conservadorismo da Igreja”, enquanto instituição passadista que atravancava o desenvolvimento orgânico da sociedade; a “visão objetiva e natural da realidade”; a “preocupação com a reforma (e não com a revolução) da sociedade”, em prol da democratização política e da realização de reformas sociais amplas; a “representação da vida contemporânea” nacional, de forma detalhada, concatenada cientificamente e atenta aos seus aspectos físico, químico, biológico, psicofisiológico etc (ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1985, p.104-105).

Certas tendências gerais e nacionais ora apontadas são reconhecíveis na carta de Antero de Quental. No entanto, como certos trechos atestam, há também profundos desencontros entre ambas as visões. Note-se, por exemplo, que o doutrinário da Geração de 70 também é um dos que destaca a função transformadora, renovadora e revolucionária dos artistas, pondo em relevo a sua missão ao mesmo tempo ética, estética e intelectual. Para ele, contudo, esta seria análoga a um sacerdócio: “um officio publico e religioso de guarda incorruptivel das idéas, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras” (QUENTAL, 2009, p.5). E segue escrevendo:

O escriptor quer o espirito livre de jugos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel e intemerato. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o logar de **ensor entre os homens**, porque o terá alcançado, não pelo favor das **turbas inconstantes e injustas**, ou pelo patronato degradante dos grandes e illustres, mas **elevando-se naturalmente sobre todos pela sciencia, pelo paciente estudo de si e dos outros, pela limpeza interior** d'uma alma que só vê e busca **o bem, o bello, o verdadeiro** (QUENTAL, 2009, p.5; grifos nossos)

Abdala Jr. e Paschoalin (1985) acusam uma contradição patente nesse discurso, visto que opõe a pureza ética, estética e intelectual do escritor às “turbas inconstantes e injustas” do povo; que defende a liberdade de pensamento, mas logo legitima a posição do escritor enquanto “ensor entre os homens”; ora, com efeito, “sua

ideologia, ao situar-se em uma posição superior ao povo, é elitista”. Enfim, exaltando as conquistas e o ideário das ciências e do Realismo, utiliza conceitos abstratos típicos do idealismo e do classicismo, como “o bem, o belo, o verdadeiro” (p.101).

Mais adiante, Antero de Quental (2009), em oposição diametral ao anti-idealismo de Coubert, destaca, com ironia, a centralidade da Ideia hegeliana em sua filosofia e estética, estendendo-a à sua visão da História e da sociedade, atrelada desde a base à religião:

Mas, ex.mo sr., **será possível viver sem idéas?** Esta é que é a grande questão. Em Lisboa, no curso de letras, na academia, no conselho superior, no gremio, nos saraus de v. ex.^a, dizem-me que sim, e que é mesmo uma condição para viver bem. Fóra de Lisboa, isto é, no resto do mundo (...), na velha Grecia tambem e mesmo na Roma antiga, é que nunca poderam passar sem essas magnificas inutilidades. Ellas o muito que têm feito é servirem de entretenimento aos visionarios como Christo (um metaphysico bem nebuloso), como Socrates, como Çakia-Mouni, como Mahomet, como Confucio e outros sujeitos de nenhuma consideração social, que se entretinham fazendo **systemas** com ellas, e com os systemas **religiões**, e com as religiões **povos**, e com os povos **civilisações**, e com as civilisações **codigos, leis, sentimentos, amores, paixões, crenças, a alma emfim da humanidade**, cousa que se não vê nem rende, e é tambem inutil e incomprehensivel (QUENTAL, 2009, p.9; grifos nossos)

Tampouco parece realista a sua perspectiva acerca do nacionalismo idealista, do papel sociohistórico do poeta, e da história mundial:

Por isso Lisboa não cahe como cahiram Athenas e Roma, **por causa das suas idéas**, e Jerusalem e outras cidades infelizes, **cujos poetas tiveram um amor demasiado ao ideal...** Uma só cousa ficou d'ellas: uma memoria grande, honrosa, nobilissima. Cahiram, mas deram ao mundo um espectáculo raro — **o espirito e a consciencia humana triumphando da materia** e brilhando no meio das ruinas como a chamma que se alimenta da destruição da lenha d'onde sahe e que a gerou. Eu não sei se v. ex.^a acha

isto sensato e de bom gosto. Cuido que não. O que eu sei sómente é que **isto é sublime** (QUENTAL, 2009, p.10; grifos nossos).

De fato, não há nada que se afaste mais do progressismo e do materialismo positivistas ou socialistas do que a noção do triunfo do Espírito sobre a matéria e a do heroísmo sublime das civilizações que brilham “no meio das ruínas como a chamma que se alimenta da destruição da lenha d’onde sahe e que a gerou”.

Mas fato é que, anos depois da publicação da carta, a influência doutrinária de Antero de Quental aumentará ainda mais, com a segunda conferência proferida no Cassino Lisbonense. A tese que nela defende é assim sintetizada por Moisés (1990):

(...) ao ver dele, três eram as causas do fenômeno: primeira, o **Catolicismo do Concílio de Trento** [causa moral e intelectual]; segunda, o **Absolutismo** [causa política]; terceira, as **Conquistas** [causa econômica]. Para remediar o mal, Antero propugna pela **Revolução**” (QUENTAL, 2009, p.161; grifos nossos; comentários nossos).

Para levar a cabo essa Revolução – movida pelo desejo de fazer a Península Ibérica readquirir o seu “lugar na civilização” e entrar “outra vez na comunhão da Europa culta” (ANTERO DE QUENTAL, 2015, p.33) – Antero de Quental (2015) afirma ser “necessário um esforço viril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com o passado”, a fim de não mais imitá-lo (p.33). Ao Catolicismo, ele opõe “a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, a contemplação directa do divino pelo humano (...), a filosofia, a ciência, e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento”; ao Absolutismo, “a federação republicana de todos os grupos autonômicos, de todas as vontades soberanas, alargando e renovando a vida municipal, dando-lhe um carácter radicalmente democrático”; à mentalidade não industrial da Conquista, “a iniciativa do trabalho livre, a indústria do povo, pelo povo, e para o povo (...), organizada duma

maneira solidária e equitativa, operando assim gradualmente a transição para o novo mundo industrial do socialismo, a quem pertence o futuro” (p.32-34).

Percebe-se, portanto, que a Revolução pregada pelo conferencista tem uma finalidade regeneradora, modernizante: “Somos uma raça decaída por ter rejeitado o espírito moderno: regenerar-nos-emos abraçando francamente esse espírito. O seu nome é Revolução” (QUENTAL, 2015, p.34). Todavia, é impossível ignorar o paralelo que ele traça, quando conclui que “o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo: a Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno.” (QUENTAL, 2015, p.34)

Carpeaux (2012) esclarece a inusitada comparação que o escritor português faz entre o efeito sócio-histórico do Cristianismo e o papel da Revolução, alçada a um nível religioso, na modernidade. Baseando-se nos testemunhos de seus companheiros, ele afirma que Antero de Quental foi “um homem que se sacrificou, às vezes de maneira quixotesca, por ideais”, e descobre a fonte do seu idealismo filosófico no pensamento alemão (Hegel, Mommsen, Heine) e em autores como Proudhon e Michelet (p.96). Escreve, então, que, a partir desses nomes, Antero “compôs uma filosofia *sui generis* (...) mistura de socialismo romântico e budismo indiano, em oposição ao catolicismo tradicional da península” (CARPEAUX, 2012, p.96). É o que explicaria o seu anticlericalismo, o qual, todavia, não redundava em ateísmo ou materialismo militantes, avessos à religiosidade e à metafísica; afinal de contas, “havia (...) no liberalismo e democratismo de Quental uma forte veia religiosa, até mística”. São todos traços de um “anarquista-comunista de motivos idealistas: um socialista religioso” que, não obstante, participou da Primeira Internacional. “Essas condições explicam o malogro do santo como socialista militante; o místico falhou na revolução social” (CARPEAUX, 2012, p.96-97).

Sobre a sua conferência, Franchetti (2007) afirma que, “a longo prazo, foi esse um dos textos que teve mais repercussões na moderna cultura portuguesa e pode-se ver nele uma **síntese ideológica da visão histórica do grupo todo**” (p.137). De acordo com ele, a obra cultural dos realistas portugueses “consiste no desenvolvimento das teses e propostas aí apresentadas”, sendo que os companheiros do seu autor

“tratarão de descobrir e apresentar caminhos para **reverter a decadência profunda** que, de seu ponto de vista, caracteriza aquele momento da vida nacional” (FRANCHETTI, 2007, p.137). Um comentário de Eça de Queirós acerca da “Questão Coimbrã” é bem elucidativo: “Castilho (...) aparecia aos nossos olhos, criadores de fantasmas, como um verdadeiro monstro: Antero, crivando de setas de ouro os flancos vernáculos do monstro, foi para nós como um sagitário libertador.” (apud GRÜNEWALD, 1991, p.15)

Alves (2012), todavia, sustenta que o seguimento das teses e propostas quentalianas não é “um processo de tensão ascendente”, como a apreciação de Franchetti pode dar a entender; afinal, o sentido da Revolução pregada por eles, nos anos seguintes a esse auge do seu otimismo ideológico e contestatório, degradou-se e se tornou ambíguo, evanescendo-se como mero sonho e mito – o que a imagem de Eça de Queirós só pode confirmar. Nesse tom, conclui o pesquisador: “Mais do que a crença na capacidade da revolução para garantir o sonhado bem-estar universal, parece-nos que o próprio otimismo gerador dessa crença é que vai sendo rapidamente rasurado por seus principais difusores.” (ALVES, 2012, p.150). E talvez aquele que mais rasurou o otimismo revolucionário pioneiro seja, paradoxalmente, o seu principal instigador: Antero de Quental.

Das “Odes Modernas” aos “Sonetos Completos”: as contradições da poesia de Antero de Quental no Realismo português

Em 1865, aos 23 anos, Antero de Quental publica “*Odes Modernas*”, que marca o primeiro estágio de sua poesia. A obra é dividida “em dois livros que são a tese e antítese dum pensamento de combate, de reforma e ação social, envolto de irreverência e iconoclastia revoltada” (MOISÉS, 1990, p.181). Devido a essa qualidade, era inevitável que alguns dos seus poemas se convertessem em “verdadeiros panfletos incendiários lançados contra as instituições vigentes e todas as formas de cerceamento da liberdade individual” (MOISÉS, 1990, p.182).

Nota-se que essas odes foram escritas à luz do socialismo humanitário e utópico de Proudhon e da dialética histórica idealista de Hegel (MOISÉS, 1990, p.182), os

quais são complementados por uma visão de mundo em muito panteísta. A fusão nem sempre coerente dessas três vertentes resulta numa religiosidade revolucionária em que “ideais como Liberdade, Igualdade e Justiça são transformados em valores santificados” que o poeta, enquanto santo-profeta, encarna; assim, “o próprio ato de escrever transforma-se num ato de fé revolucionária, uma utopia que o escritor procura alcançar” (ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1985, p.107). Do ponto de vista biobibliográfico, Moisés (1990) interpreta o empreendimento quentaliano nestes termos: “O intelectual agredia, com as ideias novas, aquilo que tinha sido sua educação, e lhe estava ainda arraigado no espírito: Catolicismo, Tradicionalismo. O poeta, nessa altura, está sufocado pelo homem de ideias e princípios transformadores.” (p.182)

Para melhor compreender esse momento poético de Antero de Quental, será útil analisar o seu extenso poema “*À História*”, visto que, ao longo de suas seis seções, o poeta compõe uma epopeia filosófico-ideológica, revolucionária e utópica, escrita, inclusive, em oitava rima heroica.

Assim, na primeira metade da seção I, o eu-lírico situa o Homem no Universo e pinta a sua condição primitiva de desamparo, incerteza, errância e sofrimento, diante não só da matéria que o cerca – fonte de terror, deslumbramento e incomunicabilidade –, mas também daquilo que o transcende, sob a forma de Deus e do Destino. Já nas duas últimas estrofes, o Homem é dimensionado no Tempo, tornando-se autor e paciente da História:

Um sonho gigantesco de beleza / E uma ânsia de ventura o faz na vida /
Caminhar, como um ébrio, na incerteza / Do destino e da Terra-prometida... /
Sorri-lhe o céu de cima, e a natureza / Em volta é como amante apeteçada –
/ Ele porém, sombrio entre os abrolhos, / Segue os passos do sonho... e fecha
os olhos! // Fecha os olhos... que os passos da visão / Não deixam mais
vestígios do que o vento! / Tu, que vais, se te sofre o coração / Virar-te para
trás... para um momento... / Dos desejos, das vidas, nesse chão / Que resta?
Que espantoso monumento? / Um punhado de cinzas – toda a glória / Do
sonho humano que se chama História. –” (QUENTAL, 1991, p.39-40).

Seguem as seções II e III glosando às negativas a história humana, em contraste com a harmonia da Natureza: “Quanto de grande há aí dorme e sossega: / Tudo tem sua lei onde adormece: / (...) / Só nós, só nós, a raça triste e cega, / Que a três palmos do chão nem aparece, / Só nós somos delírio e confusão, / Só nós temos por nome *turbilhão!*” (QUENTAL, 1991, p.43). Aplicando-a à política, à religião e à cultura, eis o que deriva dessa condição humana:

“Turbilhão – de Desejos insofridos, / Que o sopro do Impossível precipita! / Turbilhão – de Ideais, lumes erguidos / Em frágil lenho, que onda eterna agita! / Turbilhão – de Nações, heróis feridos / Em tragédia enredada e infinita! / Tropel de Reis sem fé, que se espedaça! / Tropel de deuses vãos, que o nada abraça! // Há nisto quanto baste para morte... / Para fechar os olhos sobre a vida / Eternamente, abandonando à sorte / A palma da vitória dolorida! / Há quanto baste por que já se corte / A amarra do destino, enfim partida, / Com um grito de dor, que leve o vento / Onde quiser – *a morte o esquecimento!*” (QUENTAL, 1991, p.43-44).

Munindo-se da dialética, porém, o eu-lírico investe, logo no início da seção seguinte, com indagações que preparam uma antítese: se tudo exorta o homem a entregar-se à inércia da morte e do esquecimento, o que é que lhe preserva a esperança, a fé e o desejo de viver e agir? E responde: “A mente do homem, essa, não se cansa... / Sob o açoute, no circo, no martírio... / E o escravo, sem pão, lar nem cidade, / *Crê...* sonha um culto, um Deus – a Liberdade!”. Em outras palavras, é “O Ideal – que em peito escuro medra, / Bem como a flor do musgo sobre a pedra!” (QUENTAL, 1991, p.45).

Eis tencionados ao máximo, na seção V, os dois polos da escatologia historicista das “*Odes Modernas*”: a Dor da condição humana decaída *versus* o Ideal redentor que se espera, que pode ser chamado de Deus. O ápice dessa dolorosa contradição é assim cantado:

Sim! Por que é que esperais? Tem-se sofrido, / Temos sofrido muito, muito!
E agora / Desceu o fel ao coração descrido, / Vem já bem perto nossa extrema
hora... / Abale-se o universo comovido! / Deixe o céu radiar a nova aurora! /
Que os peitos soltem o seu longo *enfim!* / E o olhar de Deus na terra escreva:
Fim! // Fim desta provação, fim do tormento, / Mas da verdade, mas do bem,
começo! / Erga-se o homem, atirando ao vento / O antigo Mal, com trágico
arremesso! / Na nossa tenda tome Deus assento, / Mostre seus cofres, seus
corais de preço, / Que se veja afinal quanto guardava / Para o resgate desta
raça escrava! (QUENTAL, 1991, p.47)

Enfim, na seção final do poema, a dialética anuncia a sua síntese: a Revolução, que extirpará o sofrimento do Homem junto com seus causadores e perpetuadores políticos e religiosos – “Os Reis sem fé e os Deuses enganosos” (QUENTAL, 1991, p.49) –, e o religará à Natureza, fazendo-o comungar e viver na luz verdadeira e unificadora da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

Está aí a fonte filosófico-ideológica que nutrirá as outras odes, que apenas enfatizam ideias e conteúdos específicos já contidos em “*À História*”. Assim, por exemplo, em “*Pater*” e “*No templo*”, o anticlericalismo e a religiosidade revolucionária; em “*Tentanda via*”, o aspecto coletivista e voluntarista da Revolução nos tempos de crise; em “*Aos miseráveis*” e “*Pobres*”, o socialismo popular e romântico; em “*Ode XII*”, a violência justificada que a Revolução desencadeará.

Mas passados os anos de Coimbra, o otimismo revolucionário da poesia de Antero de Quental se desvaneceu: “como que desabrochando dentro dele o poeta, antes confundido com o panfletário, Antero inicia uma caminhada de introvertido e torturado, consequência da tentativa fruste de conciliar os contrários de seu espírito” (MOISÉS, 1990, p.183). E, de fato, é apenas enquanto conferencista influente que a sua tendência inicial persiste (ALVES, 2012, p.149).

Seu conflito espiritual, em suas diferentes etapas e problemáticas, é o que compõe o núcleo autobiográfico dos “*Sonetos Completos*”, onde se lê “um doloroso apelo transcendental” (MOISÉS, 1990, p.184). Com um rigor fatalista, a síntese desse derradeiro “dualismo interno” de Antero de Quental, única coisa capaz de “abater o

negro pessimismo e encontrar uma unidade”, é passo a passo reconhecida pelo poeta na negação do Ser, na morte, “desde cedo transformada em *leitmotiv* de sua mundividência desesperada” (MOISÉS, 1990, p.184).

A fim de melhor compreender as principais facetas dessa luta espiritual, é de grande ajuda destacar e analisar brevemente alguns sonetos da coletânea. Cumprir em vista, contudo, que a sua ordenação não representa um progresso linear do espírito do poeta: apesar de a sua conclusão derradeira agravar-se à medida que as outras soluções vão malogrando nos poemas, Antero de Quental escreveu, concomitantemente, sonetos que se contradizem entre si, pois, fundamente cético, é postura tipicamente sua “duvidar de toda verdade que não seja hegelianamente dual ou matriz duma contrária.” (MOISÉS, 1990, p.184)

Um dos sonetos mais emblemáticos do autor é certamente “*Tormento do Ideal*”. Nele, consegue traduzir a matriz existencial de todo o seu prisma poético e ideológico, por opostas que sejam suas faces: “Conheci a Beleza que não morre / E fiquei triste. (...) // Assim eu vi o mundo e o que ele encerra / Perder a cor, bem como a nuvem que erra / Ao pôr-do-sol e sobre o mar discorre” (QUENTAL, 1991, p.135). Eis, de um lado, o sumo Ideal – revelado sob o aspecto poético da Beleza –, e, de outro, a contingência do mundo e de suas coisas, insatisfatórias para o eu-lírico. Este prossegue: “Pedindo à forma, em vão, a ideia pura, / Tropeço, em sombras, na matéria dura, / E encontro a imperfeição de quanto existe. // Recebi o batismo dos poetas, / E assentado entre as formas incompletas / Para sempre fique pálido e triste” (QUENTAL, 1991, p.135).

Atentando ao título do poema, pode-se afirmar que esses seus dois tercetos encerram a profissão de fé mais persistente de Antero de Quental: a ânsia de conseguir, à luz da Beleza, uma síntese perfeita entre Ideia e Realidade, Forma e Matéria, e o conseqüente desamparo e tristeza em sabê-la irrealizável em vida (ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1985, p.108). Não é outra a inclinação que enforma, aquém de todas as suas angústias metafísicas, o projeto revolucionário das “*Odes Modernas*” e o historicismo de “*Bom senso e bom gosto*”, onde se lê que certas civilizações “(...) deram ao mundo um espectáculo raro — **o espírito e a consciencia humana triunfando da materia** e brilhando no meio das ruínas como a chamma

que se alimenta da destruição da lenha d'onde sahe e que a gerou” (QUENTAL, 2009, p.10; grifo nosso).

A leitura do soneto “*Enquanto outros combatem*”, por sua vez, permite constatar que a passagem do revolucionário para o metafísico niilista não se realizou pelo simples abandono ou rejeição do idealismo coimbreense. Com efeito, apesar de já valorizar mais a fatalidade da pura beligerância, nesse poema, a utilidade da Revolução não é de todo descartada: “Respirariam meus pulmões contentes / O ar de fogo do circo ensanguentado... / Ou caíra radioso, amortalhado / Na fulva luz dos gládios reluzentes. // Já não veria dissipar-se a aurora / De meus inúteis anos, sem uma hora / Viver mais que de sonhos e ansiedade!” (QUENTAL, 1991, p.171). Pelo contrário, o que se explicita é que, mais tarde, nem mesmo o ativismo juvenil foi, para o seu grande general, tão satisfatório quanto desejava o seu ideal socialista insaciável. E redundou tudo nos sonhos e ansiedades “*Desta pálida e estéril mocidade*”. É Moisés (1990) quem melhor sintetiza essa característica do poema: ao mesmo tempo que o poeta “revelava alto pendor para o jogo sedentário das ideias, era inepto na tentativa de as pôr em prática. Além disso, alimentava ideias demasiado utópicas e visionárias e muito acima das possibilidades duma só vida” (p.181).

Em “*Ad amicos*”, dirigindo-se aos seus companheiros de luta, escreve: “Em vão lutamos. Como névoa baça, / A incerteza das couas nos envolve. / Nossa alma, em quanto cria, em quanto volve, / Nas suas próprias redes se embaraça” (QUENTAL, 1991, p.161). Mas também nesse soneto o poeta não rejeita os ideais revolucionários que orientaram a militância da Geração de 70; tampouco nega a Providência, que, nas “*Odes Modernas*”, redimirá os homens pela Revolução: apenas inverte o seu signo em Destino, ante o assumido fracasso do movimento: “Filhos do Amor, nossa alma é como um hino / À luz, à liberdade, ao bem fecundo, / Prece e clamor dum pressentir divino; // Mas num deserto só, árido e fundo, / Ecoam nossas vozes, que o Destino / Paira mudo e impassível sobre o mundo” (QUENTAL, 1991, p.161).

Mais adiante, contudo, agrava-se o juízo do poeta sobre a sua própria juventude e sua ação revolucionária: é o que se lê em “*O convertido*”. Aqui, o elã revolucionário dos “filhos dum século maldito” é reduzido a um “folgar” ímpio e iconoclástico, sob o

qual “geme a tristeza / Duma ânsia impotente de infinito” (QUENTAL, 1991, p.204). Esta ânsia, contudo, continua a mover o eu-lírico, desiludido com a “racionalidade” e o seu imaturo idealismo revolucionário. É com isso em perspectiva que escreve: “Erma, cheia de tédio e de quebranto, / Rompendo os diques ao represado pranto, / Virou para Deus minha alma triste!” (p.204). Mas não se trata de uma conversão abundante e redentora, pois não cessa o seu desamparo intelectual, condenado à eterna contradição e só consolável pela via negativa: “Amortalhei na fé o pensamento, / E achei a paz na inércia e esquecimento... / Só me falta saber se Deus existe!” (QUENTAL, 1991, p.204). Essa “crença descrente” também é tema de outros poemas, como “*Ignoto Deo*”, “*A Santos Valente*”, “*Aspiração*”, “*Das Unnennbare*” etc.

Mas, se em algum momento o convertido Antero de Quental encontrou um Deus correspondente e ativo, tampouco essa descoberta o pôde consolar. É o que atesta, nos dois sonetos de “*Disputa em família*”, a inversão da teodiceia historicista das “*Odes Modernas*” (soneto I) em uma tirania divina supra-histórica, que subjuga os impulsos prometeicos da Revolução (soneto II). Fala a Humanidade a Deus, ao fim da primeira parte: “Enquanto tu dormias impassível, / Topamos no caminho a liberdade / Que nos sorriu com gesto indefinível... // ‘Já provamos os frutos da verdade... / Ó Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrível, / Não passas duma vã banalidade! –” (QUENTAL, 1991, p.194). Mas a sua aclamação não se realiza, fica sem transformar o Universo e sem redimir, tomando as rédeas divinas, a Humanidade. Deus apenas observa das alturas o povo barulhento e agitado e, com ironia, reafirma-se, investindo com algo do “niilismo” do *Eclesiastes*: “ – Vanitas vanitatum! (disse). É certo / Que o homem vão medita mil mudanças, / Sem achar mais do que erro e desacerto. / ‘Muito antes de nascerem vosso pais / Dum barro vil, ridículas crianças, / Sabia eu tudo isso... e muito mais! –” (QUENTAL, 1991, p.195).

Estava aberto o caminho para a derradeira conclusão. Anuncia-a a apresentação alegórica e dialética da Morte, nos dois tercetos de “*Mors Liberatrix*”: “ – ‘Se esta espada que empunho é coruscante, / (Responde o negro cavaleiro andante) / É porque esta é a espada da Verdade, // Firo mas salvo... / Prostro e desbarato, / Mas consolo... Subverto, mas resgato...”. E vem, no fecho de ouro do soneto, a síntese da imagem: “E, sendo a Morte, sou a liberdade” (QUENTAL, 1991, p.196).

Em sonetos como “*Espiritualismo*”, “*Nox*”, “*Oceano Nox*”, “*Nirvana*”, “*Elogio da Morte*”, “*Redenção*”, “*Transcendentalismo*” etc, a aniquilação do Ser pelo Não-Ser vai estendendo-se sobre todo o Universo. É de novo Moisés (1990) quem melhor sintetiza essa característica da etapa terminal do poeta: “Ao sentimento dilacerante de que o equilíbrio é já impossível, soma-se agora o duma catastrófica solidão íntima ecoando a infinita mudez cósmica” (p.184).

Comparem-se, por exemplo, os referenciais absolutos de “*Tormento do Ideal*” e de “*Nirvana*”: naquele, “Beleza que não morre”; neste, o “(...) vácuo tenebroso, // A onda desse mar tumultuoso / [que] Vem ali expirar, esmaecida... / Numa imobilidade indefinida / Termina ali o ser, inerte, ocioso...” (QUENTAL, 1991, p.213). O próprio Ideal luminoso que, se também angustiava o eu-lírico, o movia, assume agora uma forma negativa e negadora, a partir da qual seu pensamento contempla o Universo: “À bela luz da vida, ampla, infinita, / Só vê com tédio, em tudo quanto fita, / A ilusão e o vazio universais” (p.213). Comparem-se ainda o “Pedindo à forma, em vão, a ideia pura” daquele primeiro poema com o terceto final de *Redenção*: “Vereis as Formas, filhas da Ilusão, / Cair desfeitas, como um sonho vão... / E acabará por fim vosso tormento” (p.231).

Mas é no verso final de *Elogio da Morte* que melhor se lapida a síntese derradeira da ânsia de Antero de Quental pelo Absoluto, redundando no maior paradoxo concebível pelo intelecto: “Não-Ser, que és o Ser único absoluto” (p.221).

Os Vencidos da Vida e o suicídio de Antero de Quental: símbolo final das contradições do Realismo português

Do ponto de vista da história literária portuguesa, é acertado inferir que a fase final da poesia quentaliana corresponde, de forma sublimada, ao desânimo geral do grupo dos Vencidos da Vida. O soneto “*Ad amicos*”, mesmo, funciona como a epígrafe perfeita para a Geração de 70, cujos membros voltam a se reunir nos anos de 1887 e 1888, considerando-se “‘vencedores’ em termos de reconhecimento social” e “‘vencidos’ em termos de ideais” (ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1985, p.102). Limitam-se agora a alegres jantares, afastando-se das reuniões contundentes da época de

juventude” (ABDALA JR.; PASCHOALIN, 1985, p.102). Moisés (1990) destaca, entre os confrades, o “travo de amargura e melancolia, que o riso e a pilhéria mal disfarçam”; e completa: “Congraçando-se festivamente (...) apenas testemunham a agonia da revolução realista e o surgimento duma onda de revolta contra eles, à semelhança da que provocaram em 1865” (p.163).

Era questão de tempo até que a última conclusão metafísica de Antero de Quental passasse para a ação: a autoaniquilação, o suicídio. Na noite de 11 de setembro de 1891, o poeta se mata com dois disparos de revólver na boca, num banco encostado a um muro do Convento de Nossa Senhora da Esperança. Sobre o ato, comenta Moisés (1990) que

O suicídio constitui para Antero a natural culminância de sua caminhada em busca duma coerência inalcançável senão através dum ato semelhante, que talvez o conduzisse para verdades menos contingentes. Com ele, estava completo seu ciclo poético e humano, e franqueado o lugar único que ocupa na Literatura Portuguesa (MOISÉS, 1990, p.185)

Alves (2012) vai ao encontro de Moisés, ao afirmar que “Proudhon, Hegel, Comte, Marx, Sidarta Gautama, Eckhart, o iberismo, nenhum deles puderam lhe assegurar um rosto confiável, capaz de sarar-lhe do ‘mal de ter nascido’” (p.159). Mas confere, ainda, um significado histórico ao fato: “o suicídio de Antero é um símbolo trágico das rápidas transformações culturais que esfarelavam as antigas certezas garantidas pela Razão – que haviam encontrado no Positivismo um último refúgio” (ALVES, 2012, p.159). Acaba, então, por aprofundar essa conclusão, identificando o núcleo das contradições de Antero de Quental e do Realismo português no geral, e articula, assim, as considerações estético-ideológicas levantadas por Carpeaux (2012) e Abdala Jr. e Paschoalin (1985) num quadro maior, ao escrever que

A questão é que a despersonalização não é apenas um recurso estético, mas um fenômeno ontológico desde a “morte de Deus”. O fim das verdades, a incapacidade de qualquer verdade para manter-se e fazer o homem suportar

a sua vontade incondicionada de verdade, o medo humano de se deixar enganar, isso não é puro artifício, apesar de poder haver algum artifício, apesar de tudo se tornar artifício após a retirada das verdades absolutas (ALVES, 2012, p.161).

Conclusão

Antero de Quental foi um dos escritores de maior destaque do Realismo português que, sobretudo por meio de seus escritos doutrinários, moldou e estimulou o movimento. Ao se analisar essas produções, porém, constatou-se que os mais desencontrados projetos filosóficos e ideológicos concorriam nelas, sob a mesma égide otimista e revolucionária; mais do que isso, que a tônica principal do projeto quentaliano eram o idealismo hegeliano e o socialismo utópico proudhoniano, como testemunham as “*Odes Modernas*”. Comparando essas influências com as do Realismo europeu mais avançado, foi fácil acusar as várias divergências entre ambas, que acabam por situar Antero de Quental numa visão pré-realista de mundo, arte, história e sociedade. Tornou-se possível compreender, assim, tanto as contradições determinantes para o malogro dos ideais realistas em Portugal, com o grupo dos Vencidos da Vida, quanto as contradições que permeiam a poesia quentaliana e que culminaram no seu niilismo lírico final, manifestado, biograficamente, em seu suicídio.

Deve-se notar, portanto, que estava na raiz do movimento realista português um desejo de renovar a nação, em seus muitos planos, à luz das ideias que circulavam na Europa dos anos 1860 e 1870. Sob este ângulo, pode-se concluir que Antero de Quental desempenhou um papel fundamental, pois abriu novos espaços para as letras lusas; todavia, não os preencheu ordenadamente. Mas, como explica Carpeaux (2012), não se podia esperar coerência desses pioneiros, ainda mais se se considerar a relativa independência e heterogeneidade de cada um de seus membros, cujo denominador comum estava, em muito, aquém da ideologia e da estética, sendo antes uma ânsia geracional pela “modernização e europeização da vida portuguesa” (p.204).

E se o escritor Antero de Quental foi realmente a síntese mais extrema das contradições literárias, filosóficas e ideológicas da Portugal finissecular, desempenhando o papel de “realista” militante no seu imaginário, não é exagero afirmar que o seu suicídio, no mais profundo niilismo, não foi senão a manifestação mais extrema e coerente do estado anímico geral dos Vencidos da Vida. É assim que o interpreta Alves (2012), ao afirmar que “o suicídio de Antero é um símbolo trágico das rápidas transformações culturais que esfarelavam as antigas certezas garantidas pela Razão” (p.159).

Referências

ABDALA JR, B.; PASCHOALIN, M.A. **História social da literatura portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.

ALVES, S.C. dos S. Arautos da modernidade: Cesário Verde, Antero de Quental, Eça de Queirós e a crise intelectual finissecular em Portugal. **Revista SOLETRAS**, Rio de Janeiro, (FFP/UERJ) v.2, n.24, p.145-163, jul.-dez. 2012.

CARPEAUX, O.M. **O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo por Carpeaux** (História da literatura ocidental; v. 7). Rio de Janeiro: LeYa, 2012.

FRANCHETTI, P. **Estudos de literatura brasileira e portuguesa**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MOISÉS, M. **A literatura portuguesa**. 25 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

QUENTAL, A. de. **Antologia poética**. Introdução e organização de José Lino Grünewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

QUENTAL, A. de. **Bom senso e bom gosto**: carta ao ex.mo sr. A. F. de Castilho. Project Gutenberg, 2009. Livro digital. Disponível em <https://www.gutenberg.org/files/30070/30070-h/30070-h.htm>. Acesso em 15. set. 2021.

QUENTAL, A. de. **Causas da decadência dos povos peninsulares**. Livro digital. Projecto Adamastor, 2015. Disponível em <https://projectoadamastor.org/causas-da-decadencia-dos-povos-peninsulares-antero-de-quental/>. Acesso em 15. set. 2021.